

# Para que serve um escândalo sexual?

Fernando Villas-Boas

A comédia, a mãe verdadeira da democracia, ofendeu – muitas vezes cruelmente – o género teatral elevado, e através dele as classes privilegiadas que o cultivavam. Nos palcos da galhofa ensaiaram-se muitas verdadeiras hecatombes (aquilo a que chamamos *escândalos*) de grandes casas e reputações.

O comediante tinha uma ou duas horas de liberdade para improvisar sobre pormenores escabrosos das vidas dos respeitáveis (aquilo a que chamamos *informar*). Fazia gestos e entoações tão hilariantes, relatos tão detalhados que só podiam ser de fonte segura, e todos deixavam o anfiteatro com a nova e agradável sensação da igualdade, ou seja, convencidos de que os membros das classes soberbas eram tão brutos quanto qualquer vizinho de bancada (dizemos plateia).

Mas a dimensão do escândalo é determinada pela ferida moral, ou pelo rendimento do espectáculo?

Agora, para além do teatro, muito mais do que no teatro, é nos jornais que trabalham as máscaras escancaradas.

Tom Stoppard desconfiou sempre da capacidade (ou, pior ainda, do dever) que uma peça terá de ensinar alguma coisa sobre a vida pública – pela tragédia ou pela comédia – e desconfiou sempre da profissão que herdou essa veia pedagógica do teatro, que foi a sua primeira: o jornalismo.

Esta peça distancia-se ao mesmo tempo de ser mais uma moralidade, em idioma popular, e de ser mais um retrato do jornalismo como fonte de exemplo, mesmo ilibando um pouco os seus políticos, que no fundo apenas tiveram direito à pequena dose universal de excesso erótico (pareço um deles a falar). Aliás, para falar do jornalismo como actividade edificante chega o próprio. É bom chamar aqui o que disse uma personagem de Stoppard, noutra peça, que chegou a ser citada pelo *Spectator*: «Sou todo pela liberdade de imprensa. O que eu não suporto é os jornais».

Para quem acusar Stoppard de ser desinteressado das causas mais dignas (ou mesmo de ser reaccionário, como ele se chamou a si próprio!), e para evitar muita teoria antes de uma peça de teatro, vou buscar uma sua defesa: «Quando quero muito escrever sobre alguma coisa que me tocou, o que me sai não parece ter muito a ver com a minha vida. Não reflecte o que li nos jornais, ou nenhuma das minhas preocupações. Preocupam-me bastante mais as coisas que sinto que são difíceis de exprimir». Ora, não é com *coisas difíceis de exprimir* que se actua socialmente e se fazem revoluções. Mas pode fazer-se, ao menos, bom teatro.

Isto não entendeu o Departamento de Secretariado da Câmara dos Comuns, o autêntico, que enviou uma carta a Stoppard, aquando da estreia de *Roupa Suja*, para convidá-lo a discutir à mesa *algumas discrepâncias* entre a peça e a realidade que ela se propunha representar. A peça é, claro, sobre tudo menos sobre a verdadeira Câmara dos Comuns (pobre do cinema, que ainda tem de aturar constantemente este tipo de acusação; mas quem é que o manda querer muito ser *verdadeiro* e mesmo *baseado em factos verídicos?* – o que é que não é *baseado* em factos verídicos?).

No centro da peça está a secretária da Comissão Parlamentar encarregada de relatar um escândalo sexual de que ela é o principal agente. Mas ela não é Miss Loira Burra, é Miss Senso Comum, diz o autor. Ela parece um brinquedo, mas tem na mão, mais cedo ou mais tarde, os deputados todos (e uma deputada...); e também conhece bem os jornalistas. E nós estamos com ela, a causadora de toda a vergonha. Falo por mim: eu estou com ela, quando diz: «Vocês (deputados) têm tanto direito de se divertirem como eles (jornalistas)!».

Mas esta peça não é – como não é qualquer peça (se for boa, diria Stoppard) – um assunto, a ilustração de qualquer coisa, essa sim, muito importante. Ou seja, eu não acabei de contar história nenhuma e não estraguei a surpresa ao espectador. O mecanismo de cores e sons, o movimento de conjunto, a expressão corporal e a contradição verbal das marionetas que estão em cena em *Roupa Suja* são o seu verdadeiro “assunto”. Se tudo funcionar, não faltarão outros assuntos para se irem adivinhando. Houve muito quem gostasse de dizer que esta peça tinha algo de *teatro do absurdo*. Porque parece que há umas cuecas em trânsito daqui para ali, e outros pormenores. O tema do teatro do absurdo sempre me pareceu muito aberrante (para usar um sinónimo de *absurdo*), quando se supõe que este nome explica alguma coisa. Como se aquilo não fosse muito igual ao natural.

Exactamente, o que é que é, e não é, absurdo? Penso sempre no que perturbou o sábio árabe Averróis, em viagem pela Europa, há muitos séculos, sem saber o que era o teatro: alguns parece que choram mas não choram, ou parece que morrem mas não morrem, e outros que ficam quietos, de lado, parecem tirar grande proveito disso, e há grande alegria no final. Quem ainda está a ler pode achar que acabei de fazer o remate literário. Mas deixemos então o teatro. Há que pensar nos finais dos anos 70 (*Roupa Suja* é de 1976) e nos anos 80 da imprensa britânica. Ainda em 1994, ao fazer um balanço das batalhas jornalísticas dos anos dos governos Thatcher, Stoppard não se esqueceu de que «havia jornalistas a assinarem-se como Mickey Mouse». Ou seja, *Roupa Suja* era absurda, mas nos jornais havia ratos Mickey a deitar ministros abaixo; e por causa de sexo, coisa de que o Mickey original nunca soube nada de proveitoso.

Publicado em:

*Roupa Suja*: [Programa]. Porto: Teatro Nacional São João, 2003.